

Ensino da prática de Desenho em plataformas digitais durante uma pandemia: flexibilidade com responsabilidade

Teaching the practice of Drawing on digital platforms during a pandemic: flexibility with responsibility

Carlos Eduardo Félix da Costa, Gisela Friaça de Souza Pereira

Desenho de observação, metodologia, virtualidade.

O presente artigo visa expor soluções e práticas que possibilitaram a continuidade de disciplinas que trabalham com a figura humana – Modelo Vivo e Ilustração de Moda – em plataformas digitais; atividades tradicionalmente presenciais e realizadas a partir da observação de um referencial e da intervenção direta do professor sobre o trabalho do aluno. Barreiras que pareciam intransponíveis revelaram-se ponto de partida para novas metodologias e um meio eficaz de proporcionar amparo no isolamento. Para tanto, nos apoiaremos nos conceitos de autores que valorizam a ludicidade, o empirismo e a passagem de conhecimento pela construção de vínculos, ainda que difíceis por conta da situação.

Observational drawing, methodology, virtuality.

This article aims to expose solutions and practices that enabled the continuity of disciplines that work with the human figure – Living Model and Fashion Illustration – on digital platforms; activities traditionally face-to-face and carried out based on the observation of a reference and the direct intervention of the teacher on the student's work. Barriers that seemed insurmountable turned out to be the starting point for new methodologies and an effective means of providing protection in isolation. Therefore, we will rely on the concepts of authors who value playfulness, empiricism and the passage of knowledge through the construction of links, even if difficult due to the situation.

1 Introdução

Paramos por conta da pandemia do vírus Sars-CoV-2. Não como ato de egoísmo, mas como um gesto para a sobrevivência de nossa espécie; países encerraram-se em suas fronteiras. Aqueles que puderam recolheram-se em casa com familiares, adequando todas as naturezas de atividades ao interior de conchas privadas. A docência, como outros ofícios, adaptou-se às contingências. Durante os anos de 2020 e 2021, mais do que a proposta de ensinar a aprender, ou *aprender a aprender*, o professor teve um papel intensificado; o de atenuar medos e barreiras emocionais, incentivando alunos a não paralisarem. Papel delicado, árduo e cotidiano, visando que os mesmos mantivessem o desejo em alimentar seus processos criativos.

Debruçando-se sobre as classes de duas disciplinas que são independentes e se complementam, Modelo Vivo e Ilustração de Moda, no curso de Design de uma universidade particular do Rio de Janeiro, o presente artigo visa expor soluções, práticas e metodologias exploradas, que possibilitaram a continuidade de uma atividade tradicionalmente presencial, coletiva e, sobretudo, executada pela observação de um referencial, que devido ao ensino remoto, imposto pela situação emergencial, alterou-se em suas premissas básicas. Essas barreiras, que pareciam intransponíveis, revelaram-se ponto de partida para não apenas metodologias, mas um meio eficaz de proporcionar amparo no isolamento.

Os surpreendentes resultados alcançados dentro de limitações tão novas demonstraram o valor que a Arte e as atividades manuais representaram para manter docentes e discentes nutridos de razões para seguir, diante de um cenário sem precedentes. O bailar, construído entre o mestre e aprendiz, ocorreu de maneira delicada, sem foco em cobranças ou em questionamentos excessivos. A flexibilidade com responsabilidade foi adicionada à metodologia das aulas presenciais, galgadas no reconhecimento do campo do aluno, no acolhimento, na identificação de bloqueios e no estímulo à experimentação. Fizemos uso frequente desta postura com dedicação, empenho e apoio aos alunos.

Partilhando vivências profissionais e até pessoais, nos expusemos mostrando que estávamos todos fragilizados em relação à situação que se apresentava. Tínhamos como premissa diluir um possível distanciamento entre o discente ingênuo e o que poderia se considerar um docente soberano. Nos adaptamos e, de fato, compartilhamos e somamos esforços. Unimos tecnologia e cultura e buscamos inovar na passagem de conhecimento com o intuito de manter vínculos e inclusão dos alunos nas aulas.

2 Metodologias

Alguns pontos que consideramos importantes para o desenvolvimento do aluno, no âmbito profissional e pessoal, são apresentados aqui em busca de uma visão holística na sua formação, bem como a nossa metodologia de ensino aplicada em sala de aula remota, nas disciplinas de Desenho. Os pontos são: acolhimento e empatia; reconhecimento do campo do aluno; identificação de bloqueios; respeito à individualidade; estímulo à experimentação.

Na pandemia não foi diferente o uso dessa metodologia; percebemos que deveríamos adicionar os conceitos de flexibilidade e responsabilidade. Flexibilidade por parte do professor tanto quanto, aos prazos, dentre outros, quanto à obtenção de material, uma vez que cada aprendente sabia das suas dificuldades. Em troca, mediante a flexibilização do professor, o aluno responderia com responsabilidade, nos prazos de entrega dos trabalhos que foram revistos e negociados. Aprendemos, realmente, a compartilhar, a somar esforços.

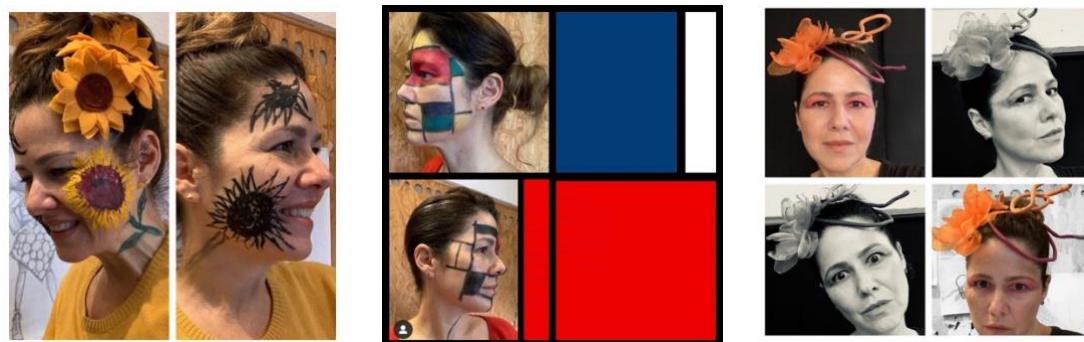
Schön (2000) defende o design como uma atividade que requer prática reflexiva, não só para quem aprende como também para quem ensina. É necessário que o caminhar do professor junto ao aluno seja flexível e reflexivo, com possibilidades de mudanças de direções, de recomeços, de reconstruções, sempre respeitando as individualidades, tempo e contextos. Assim, é importante que a atividade de docência seja capaz de criar alternativas que mantenham no estudante a curiosidade e o foco em um trabalho de qualidade, viabilizando a expansão da ação para novos horizontes.

No primeiro dia de aula, ocorre o contato inicial entre aluno e professor, o momento de acolhimento, de empatia, de ser plural, apresentando ao estudante um ambiente rico de novas possibilidades, novos ganhos. Nesse momento nosso contato aconteceu a quilômetros e telas de distância, sem nenhum contato físico. Quanta dificuldade vivenciada pelos professores em ter que acolher e ser empático com alunos que ele sequer via os rostos, ou conhecia. Como bem coloca o filósofo esloveno Slavoj Žižek (2020), quando encontramos alguém nos tempos da pandemia, comunicamos através do olhar que, com sua profundidade, pode revelar mais que uma abordagem física. Como iniciar, então, um relacionamento aluno-professor sem os olhos nos olhos? Não podíamos exigir que se mostrassem. Muitos encontravam-se vulneráveis, desconfortáveis com o entorno para “abrir” as câmeras. Os lares eram expostos de forma real, em tempo real, o que para alguns causava constrangimento. Nada de críticas ou julgamentos. Foi necessário um namoro, uma conquista desse ato.

Fomos então convidados a criar novas formas de contato e aproximação. Uma escuta mais acentuada e atenta às sutilezas da oralidade identificavam lentamente como desencabular subjetividades e inquietações, demonstrando o desejo genuíno de apoiar, conduzindo esse aluno a novas possibilidades de reorganização de seu espaço individual e profissional. Exercemos novos papéis enquanto lecionávamos: psicólogos, animadores, *youtubers*, especialistas em tecnologia e, sobretudo, amigos. As turmas buscavam a confiança, a segurança nos mais experientes, os professores. Mesmo que estivéssemos no mesmo nevoeiro de incertezas que aqueles sob nossa responsabilidade, éramos os faróis de referência. Os “portos” a apontar os “bordos”.

Uma tentativa de acolhimento bem-sucedida, por exemplo, ocorreu quando a professora de Desenho e Ilustração de Moda “fantasiou-se”. As maquiagens referenciavam obras ou movimentos artísticos discorridos no ambiente de aula. Criou-se uma expectativa: “Como ela virá hoje?” Essa atitude oferecia aos tímidos, que também se caracterizaram, personagens facilitadores de interlocução, resultando em jogos teatrais, que ampliaram a interação, a abertura das câmeras e o desdobramento lúdico do conteúdo da disciplina.

Figura 1: Girassóis de Van Gogh. Mondrian. Arranjos de cabeça primaveris.



Coube ao professor, por experiência anterior, listar possíveis bloqueios e, aula a aula, ir questionando e observando como seus alunos se comportavam diante dos bloqueios pesquisados. As críticas, os julgamentos e o medo da rejeição do adulto o impedem de prosseguir, fazendo-o, muitas vezes, desistir antes mesmo de tentar.

Em paralelo a superação das barreiras comunicacionais, outras adaptações mostraram-se cruciais. Como lecionar duas disciplinas práticas através das câmeras de computadores? Como não intervir sobre a mão do aluno enquanto ele realiza seus desenhos? E desenhar um corpo humano na ausência de um referencial presente?

Na disciplina de Modelo Vivo, foi necessária a criação de apostilas com exercícios, e vídeos, que tanto eram transmitidos no turno síncrono, quanto gravados e disponibilizados para consulta no período assíncrono. Novas aptidões precisaram ser desenvolvidas.

Um bom ponto de partida, antes de entrarmos com a anatomia humana, foi a representação gráfica em poses cronometradas de formas construídas com papel dobrado ou amassado. Um dos impedimentos mentais mais comuns enfrentados no desenho de observação é a incapacidade de transpor a memória de como um objeto é, e de como ele se encontra diante dos olhos. Sabemos que uma cadeira tem quatro pernas e um encosto, porém podemos estar mirando-a de um ângulo em que vejamos apenas três, e em que o apoio para as costas seja um plano vertical. Inicia-se então um duelo mental entre representar aquilo que se sabe de uma cadeira e aquilo que se vê. Um dos exercícios feitos foi utilizada uma folha de papel A4, que pode ser manipulada livremente com rasgos, dobras e amarrados, criando zonas de claro, escuro e linha fornecendo o máximo de tridimensionalidade. O tempo de produção de objeto é de 5 minutos. Todos o executam com as câmeras ligadas para livre comparação e a atividade foi iniciada em seguida com poses que variam de 10 a 15 minutos. O aluno foi provocado a olhar e representar desenhos em uma superfície não usual.

Figura 2: Desenhos de modelo vivo em grafite e nanquim



Outra metodologia utilizada nas aulas de Modelo Vivo foi a colagem, como meio de oferecer ágeis representações e driblar inaptidões. A colagem, seja pelo recorte, justaposição ou sobreposição de superfícies, seja por suas derivações, como transferências de imagens copiadas com carbono ou papeis translúcidos, são profícuas, propiciando a ressignificação do enorme repertório de referências que a cultura de massa produz. A agilidade da técnica também gera uma báscula entre foco e atenção periférica interessante. Com poucos gestos teremos uma composição, alguma relação de figura, fundo e cor instauradas para observação. Esta estrutura proporciona ao aluno a oportunidade de transitar de executor para observador de algo que realizou num breve intervalo de tempo. Por ser uma técnica de constante procura e testagem, a colagem tende a gerar excedente. O “lixo” produzido é acumulado ao lado da área de trabalho, sendo uma fonte de encontros visuais inesperados. Um acúmulo de atos impensados, mas que sob um olhar generoso retrospecto, contém perguntas gráficas e provocações que servirão de inícios, meios, ou

fins para obras. A imaginação subliminar contígua à intenção racional é aliada das capilarizações criativas (Piyasena & Philp, 2014).

Aulas de Modelo Vivo são o complemento ideal para as práticas de observação. Pois além de trabalhar com a base primordial dos projetos, o corpo, desenvolve-se a capacidade de concentração, controle de tempo e o religamento com uma tradição que perpassa toda a História da Arte. Classes de Modelo Vivo são realizadas da mesma forma desde o Renascimento. Esse senso de pertencimento e linhagem deve ser aproveitado, fazendo o aluno atravessar os diversos períodos da representação da figura humana: do clássico científico, passando pelas expressionistas vanguardas modernistas, até a contemporaneidade, com os *mangas*, os *animes* orientais e os *softwares* de modelagem em 3D. Esse caminhar deve ser acompanhado de aulas teóricas, pois tão importante quanto desenhar é olhar para desenho. Durante a pandemia, as poses eram realizadas no decorrer da aula, com durações de cinco a vinte minutos, e depois enviadas a um grupo de *WhatsApp*, em que todos podiam falar sobre seus resultados e ouvir comentários de colegas e professor pelo compartilhamento de tela das plataformas de ensino. Uma variante producente foi incluir ilustrações botânicas, animais, personagens fantásticos e paisagens para que o qualquer tabu com a figura humana pudesse ser contornado.

Foi importante produzir também meios de desenvolver aptidões que equilibrassem as representações de visualização e de observação. A primeira buscando manifestar diante de si uma ideia sobre a qual há apenas referenciais mentais e a segunda como trazer para o plano um evento que se dá no espaço. O designer em geral está combinando dinamicamente ambos os sistemas ao projetar. Foi também proposto um outro exercício denominado “como fritar um ovo” usando apenas imagens. A atividade foi dividida em duas etapas, em blocos de aproximadamente vinte minutos, para que ocorram apontamentos quanto ao que pode ser melhorado após uma análise coletiva nos próximos vinte. O suporte preferencial é papel jornal A2 – baixo custo, baixas expectativas, baixo índice de cobrança interior –, e em lápis 6B. Lapiseiras tendem a forçar movimentos de punho e queremos que o aluno aprenda a desenhar com o braço por inteiro, a fim de soltar a mão e a incorporar as linhas de esboço ao trabalho. Foram permitidas onomatopeias e símbolos matemáticos. Os resultados foram desde enfileiramento próximo às instruções encontradas em embalagens de macarrão instantâneo, até verdadeiros *storyboards* cinematográficos, com ângulos de câmera, aproximações, afastamentos e galinhas chef canibais.

Meios de desmonte de bloqueios muito simples, geraram resultados surpreendentes na ausência de uma orientação presencial. Por exemplo, copiar imagens de cabeça para baixo. O aluno não olha a representação de uma figura humana, apenas linhas e áreas abstratas. Além disso, um quadriculado traçado no suporte e no original, garante uma malha guia. Desenhar com a mão oposta à habitual também apresentou excelentes resultados, pois forçou o aluno a manipular o lápis de outras maneiras e a não repetir simplificações inconscientes. Por considerar que não “sabe” desenhar com a mão “ignorante”, o aprendiz é obrigado a observar mais para representar,

recorrendo menos a seu repertório imaginário. Os resultados tornaram-se equivalentes à nova quantidade de tempo e atenção despendidos na atividade. Um último exemplo a ser citado, é desenhar apenas olhando para a imagem referencial e não para seu papel. Tais conceitos estão em consonância com Betty Edwards em seu celebrado livro “*The new drawing on the right side of the brain*” (1999). Conduzindo a atividade constantemente durante o semestre, lentamente surge a compreensão de que observação e ação são parte do mesmo processo. As primeiras experimentações foram descasadas, mas com o tempo, tornam-se representações cheias de expressividade e verossimilhança.

Na disciplina de Ilustração de Moda foi necessário usar duas câmeras em posições diferentes, onde a professora alternava entre teoria e prática orquestrada pela troca de câmeras focando, respectivamente, no seu rosto e na sua mão enquanto desenhava. A iluminação do ambiente também teve que ser reforçada. Buscou-se a dinamicidade da aula, não só a partir da troca de câmeras, a apresentação da teoria simultaneamente à prática; como a apresentação de *feedback* imediato; de apresentação de peças de roupas reais ou de imagens em sites; apresentação de tecidos e seus caimentos e elaboração de minimodelagens para melhor entendimento de como ilustrar uma determinada peça.

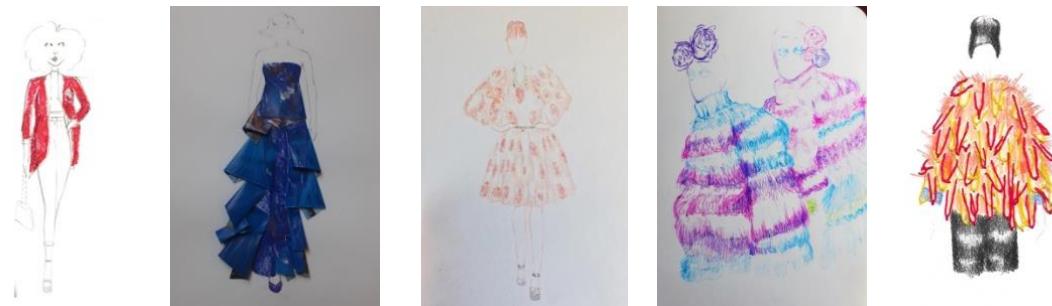
Por força maior, causada pela pandemia, todos fomos retirados das nossas zonas de conforto. Nesse momento o professor teve que reconhecer o campo e as possibilidades de cada aluno, como por exemplo: materiais disponíveis em casa para aplicação de várias técnicas, uma vez que naquele momento o comércio não essencial estava fechado e o afastamento social decretado. Além da impossibilidade de locomoção, existiam os percalços financeiros; a crise batia à porta de todos. Foi o momento para revermos nossos conceitos e nosso consumismo desenfreado, em todas as áreas sociais. A natureza nos dava claros sinais de que deveríamos parar e repensar nossos hábitos, buscando contato com ela, bem como de materiais alternativos. Observou-se que tal fato atiçou a criatividade dos alunos; estavam todos em pé de igualdade sem o poder de livre locomoção, tendo que abrir os olhos e perceber no entorno, dentro das casas, as possibilidades de materiais para desenhar. Fizemos tintas aquarelas com alimentos, embalagens de alimentos como bases para os desenhos, unimos folhas de papéis para aumentá-las; enfim, recriamos e colocamos à prova nossa criatividade e flexibilidade em nos adaptarmos à situação. Experimentamos não só no desenho, como também no material, adaptado aulas e técnicas às possibilidades de cada aluno. Apesar de enclausurados em casa, experimentamos através da ação e de muita adaptação, fato que requer tempo e tínhamos uma noção diversa do tempo e uma zona confortável para o empirismo e a incorporação de saberes através de tentativas e erros. Bondía (2002) coloca que a experiência é pessoal, individual e intransferível. Pelo fato de estarem em casa, isolados, por razões alheias à própria vontade, o ato de desenhar foi executado com louvor. Como coloca Mamede-Neves (1999, CD Rom) que “o material aprendido fornece por si mesmo a recompensa”.

Por falta de opção a motivação que o desenhar causou nos aprendentes, foi de natureza intrínseca por estarem isolados contemplando seu próprio desenho.

O professor obviamente também foi se adequando às circunstâncias. Cada dia de aula os alunos faziam um exercício novo utilizando uma técnica diferente, que foram apresentadas num crescente desenvolvimento e liberdade de expressão. A professora entendeu que essa disciplina seria para além de uma simples contagem no currículo, serviria como uma terapia. Na primeira aula foi apresentada a lista de material e junto aos alunos foi negociado o que seria usado. Caso o aluno não possuísse um determinado material definimos o substituto. A partir dessa conversa todos foram convidados a passear em suas casas, procurando o que pudesse ser acoplado às aulas. Ninguém poderia ficar parado, a intenção era desenhar. As técnicas/materiais utilizados foram grafite; colagem feitas com jornais, revistas, sacolas etc; frotagem de superfícies disponíveis; aquarela “tradicional” ou feita com alimentos; assemblagem de barbantes, tecidos, folhas e flores etc; lápis de cor; esferográfica; costurando no papel tendo embalagens de alimentos como suporte e diversas linhas; dentre outros, sendo no final desenvolvida uma minicoleção reunindo todo o aprendizado.

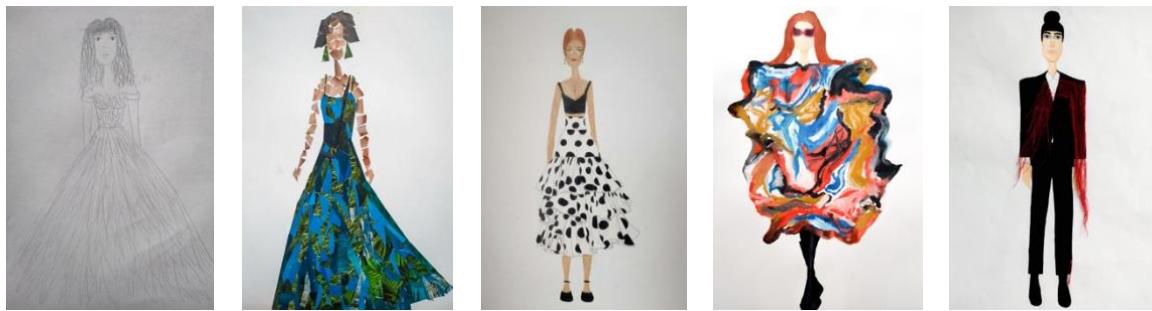
A seguir alguns exemplos de trabalhos feitos em aula.

Figura 3: Desenhos feitos em Ilustração de Moda pela aluna Ana Lú Gomes.



Desenho feito no primeiro dia de aula. A seguir utilização das técnicas: colagem, lápis de cor, caneta esferográfica e costurando no papel.

Figura 4: Desenhos feitos em Ilustração de Moda pela aluna Mel Quintanilha.



Primeiro desenho. A seguir utilização das técnicas: colagem, seguido de técnicas de lápis de cor, aquarela e costurando no papel.

Figura 5: Desenhos feitos em Ilustração de Moda pela aluna Nina Militão.



Primeiro desenho feito no primeiro dia de aula; os seguintes apresentam, respectivamente, colagem; colagem; assemblagem; costurando no papel; frotagem de partes da casa; frotagem com aplicação no look; aquarela; aquarela em manchas onde os alunos fazem as manchas na superfície e só então fazem o corpo.

Figura 6: Ilustração de vestuário para realização de peça com sobras de materiais caseiros



Figura 7: Peça final inspirada na ilustração acima realizada com materiais disponíveis em casa.



Em Ilustração de Moda é necessário fazer o aluno visualizar as inúmeras possibilidades de representação de uma roupa, e a rica viabilidade de expressão, adequando a ilustração ao tema proposto. A escolha de uma pose adequada à roupa e as técnicas de ilustração levam o interlocutor ao entendimento mais rápido. Por exemplo, fazer uma ilustração usando café como tinta, quando a inspiração da coleção está relacionada a fazendas, barões e interior de Minas

Gerais. Além do fruto conter tons terrosos, o odor remanescente no suporte remeterá imediatamente à compreensão do tema.

As disciplinas Modelo Vivo e Ilustração de Moda embora independentes no currículo são complementares e se relacionam, como já foi mencionado. Consideramos que num primeiro momento o interlocutor deve estar disponível para o aprendizado, se predispondo à ruptura de seus possíveis bloqueios. O passo a seguir é aprender a partir de muita observação de um modelo apresentado. Nesse momento o indivíduo povoá a sua mente com as imagens disponíveis e necessárias para a representação de um objeto e de uma roupa. Quanto maior o contato visual e sensorial com diversos tipos de imagens, de objetos e de peças do vestuário, maior será a “biblioteca mental”. Em seguida consideramos o desenhar, acontece quando o aluno já possui uma vasta quantidade de referências imagéticas, não só no âmbito do vestuário, como no universo em que vive.

3 Conclusão

A escola não deve ser apenas um processo civilizatório. Para Hooks (2013, p. 75), “O conceito de sala de aula pode ser transformado de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão.”

Diante da alteridade desnuda deflagrada pela pandemia, tecemos juntos, em todos os cantos do mundo, um novo cenário onde a Arte pode ser um meio de unificação ou minimização das diferenças. Lecionar é aceitar a incompletude, que nesse momento, nos conduziu a redefinir e reconfigurar novas formas de estar no mundo. A partir das plataformas digitais e com o material disponível nas casas, restauramos saberes e reconectamos professores e alunos em inéditas configurações de contato. De certa forma, em afastamentos repletos de intensidade, retornamos a convívios de tempos passados; nos encontramos, mesmo que a distância, para cozinhar, para bordar, costurar, cantar e, sobretudo desenhar, constituindo vínculos afetivos, passagem de conhecimento e uma vigília mútua amparadora para o elevado nível de angústia e tristeza que atravessávamos.

O momento da pandemia ofereceu ainda uma reflexão ecológica colateral pertinente. Passamos a nos conscientizar quanto a quantidade de excedentes que produzimos. Além da impossibilidade de locomoção e da grande parte do comércio fechado, existiram percalços financeiros, pois uma crise econômica avizinhava-se. Esse foi um excelente momento para revermos nosso consumismo. A busca por alternativas nos fez retornar o contato com a natureza, evitando que matérias-primas já fabricadas tivessem apenas um uso. Embalagens de todas as procedências multiplicaram-se. Superfícies que antes eram descartadas em nossos locais de trabalho, lazer, alimentação e trânsito concentraram-se em nossos lares. Fizemos tintas aquarelas com alimentos, suportes com suas embalagens e unimos folhas de papéis para aumentá-las e variar texturas. Segundo uma aluna de Ilustração de Moda: “Algumas atividades, como por exemplo, as de

fotagem e assemblagem, achei ótimo ser em casa, pois, pude perceber que dentro da minha própria casa, tinha muitas texturas diferentes, que nunca havia percebido, do meu dia a dia, que não pensaria que poderia usar em um trabalho de faculdade.”.

Foram muitas dúvidas, algumas respondidas, outras surgidas. Como provocamos nossos alunos para buscarem o conhecimento, as competências e as habilidades considerando o mundo em pandemia? Por ser uma situação totalmente nova, os resultados da metodologia eram avaliados diariamente, objetivando continuar a utilizá-los para evitar a evasão. Um dos fatores considerados positivos que constatamos, reiterado com relatos dos alunos foi que em função da não proximidade entre eles, separados fisicamente, a comparação imediata de um trabalho com o do colega foi inexistente, como descreve uma aluna também de Ilustração de Moda: “Por ser online, foi mais difícil me comparar com as outras pessoas, algo que, com certeza, faria se fosse presencial e me causaria ansiedade.”. O respeito à individualidade, à diversidade e à aceitação para consigo se deu mais facilmente. Um entendimento tácito do estado de exceção possibilitou mais autoacolhimento. Lenta maturidade de ser alcançada com o natural senso de competição e superação das aulas presenciais; que para alguns estimula o progresso, mas que para outros desencoraja e intimida a prática coletiva. Pudemos constatar, que na situação de pandemia, o aluno se sentiu mais intimamente ligado ao professor, apesar de haver uma tela e quilômetros os separando, era como se fosse uma terapia, como apontado por outra aluna: “Foi uma matéria que me fez enxergar novas possibilidades e fez eu me libertar.”.

É extremamente difícil, no ambiente de ensino, abrandar expectativas. Os estudantes desde cedo são estimulados a competir, a não demonstrar suas inseguranças, ou a supervalorizá-las, privilegiando decisões lógico-matemáticas diante de qualquer problema. Vivemos um período em que se borram as definições de experiência, conhecimento e informação (Bondía, 2002). Portanto, o primeiro desafio a ser enfrentado é desacelerar, suspender as finalidades e voltar a *ver e perceber*. Em “Amar e Brincar”, Zöller & Maturana (2004), apresentam o conceito de “brincadeira” como uma natureza de atividade que se encerra em si mesma, endereçada ao agora, em que os participantes se envolvem em aceitação e reconhecimento mútuos. Compreendendo o outro, comprehendo a mim mesmo.

O que nos manteve firmes na jornada de ensino, foi sabermos que muitos permaneceram em seus sonhos, construindo seus saberes rumo a sua nova carreira. Quando nos foi colocado o fato de lecionar uma disciplina prática a distância, imaginamos que seria um total fracasso. Mas com o passar dos dias pudemos observar que a experiência também teve seu lado positivo, tanto para os alunos, quanto para os professores. Mantivemos nossas mentes ocupadas, afastando estados melancólicos e quadros depressivos. Aprendemos o nosso poder de adaptação às novas situações e constatamos que é possível oferecer conteúdo de desenho com qualidade à distância.

Agradecimento

Agradecemos ao Departamento de Arte e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) por fornecer condições de trabalho, apoio pedagógico e tecnológico durante toda a pandemia de Covid-19. O esforço absoluto de inúmeros profissionais foi e ainda é de extrema importância para atravessarmos condições tão adversas.

Referências

- Betty Edwards. (1999). *The new drawing on the right side of brain*. Nova Iorque: Penguin Putnam Inc.
- Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, 19, 20-28.
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>
- Hooks, Bell. (2013). *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Mamede-Neves, Maria Apparecida Campos. (1999). *Aprendendo Aprendizagem. Um estudo com Apparecida Mamede*. Windows 95. Rio de Janeiro: PUC-RIO. 1 CD-ROM.
- Maturana, H., & Zöller, G. (2004). *Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. São Paulo: Palas Atenas.
- Sam Piyasena e Beverly Philp. (2014). *Explorar el dibujo*. Barcelona: Editora GG.
- Schön, D. (2000). *Educando o Profissional Reflexivo*. Porto Alegre: Artmed.
- Žižek S. (2020). Revista IHU on-line. Disponível em
<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599222-zizek-nao-existe-um-retorno-a-normalidade-pos-coronavirus>

Sobre os autores

Carlos Eduardo Félix da Costa, Pós-Doutorado-Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), Brasil, cadu@puc-rio.br e Gisela Friaca de Souza Pereira, Mestrado em Design-Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio), Brasil, gisela_friaca@puc-rio.br